Tomo I	Número 7	Maio de 1958

Brusque

FUNDADA EM 1860 — SEDE DE MUNICÍPIO E COMARCA

Latitude: 27°05'45"

Longitude: 48°54'05"

Altitude: 21,389 metros — sôbre o nível do mar.

Área municipal: 700 Km2. *População*: 40.000 hab.

Clima geralmente quente, mas ameno. Águas salubres e abundantes.

A cidade conta com 83 ruas, 2 largos, 3 praças, 7 avenidas, 3 travessas e 9 becos. Grande parte das vias públicas é calçada a paralelepípedos. Água e luz.

Sede de paróquia. Dois seminários (o Arquidiocesano e o de Filosofia). Rêde Telefônica Automática.

Preparem-se para visitar Brusque nos festejos de seu centenário a 4 de agôsto de 1960.

Cooperação da **Fábrica de Tecidos Renaux**

Blumenau em Cadernos

Mensário dedicado à história e aos interêsses do Vale do Itajaí

Assinatura 12 números	Cr$ 100,00
Número avulso	Cr$ 10,00

Administração e responsabilidade de Luiz Ferreira da Silva.
Tôda a correspondência deverá ser dirigida a

Blumenau em Cadernos
Caixa Postal, 425
BLUMENAU — S. CATARINA

Tomo I	Número 7	Maio de 1958

Blumenau na Guerra do Paraguai

Voluntários da Pátria

Oswaldo R. CABRAL

COMO as demais colônias — D. Francisca e Brusque — Blumenau, em 1865, contribuiu com o seu contingente de voluntários para o Exército Nacional. Várias têm sido as relações publicadas, em obras de historiadores catarinenses, contendo os nomes dos voluntários alemães que se alistaram ao chamado do Govêrno, e não faz muito tempo que o Prof. Custódio Campos relacionou os alistados em Brusque, de lista autêntica, a que tive o gôsto de completar com outros nomes, de relação igualmente autêntica e original, obtida na pasta de documentos relativos à fundação do Barão de Schnéeburg, existente no Departamento de Geografia e Cartografia do Estado.

Hoje posso apresentar outra autêntica relação, desta vez relativa a Blumenau, obtida de uma lista manuscrita, original, datada dessa Colônia em 19 de setembro de 1865, escrita e assinada pelo Diretor Interino H. Wendeburg e intitulada: "LISTA DOS VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA DA COLÔNIA BLUMENAU" (Mass. Blumenau, Doc. n.º 615, Ano 1865 — Arq. do Dep. de Geog. e Cartogr. do Estado). Para evitar uma transcrição pura e simples, dividimos os 31 voluntários relacionados em grupos diversos.

Militar, com o pôsto de oficial, encontra-se o agrimensor EMÍLIO ODEBRECHT, então com 28 anos, que encabeça a lista. Militares ainda, os trabalhadores LUIZ HOFFMANN, de 28 anos; GUNTER FRANCKE, de 30; FERNANDO SCHUMACHER, de 28; ELIAS MUELLER, de 29; WENDELINO KRAEMER, de 45, um dos mais velhos da turma; OTO LOBEDAN, de 40; FREDERICO GUILHERME GROHS ou GROSS, de 34 anos. Todos eram trabalhadores, estão assim registrados, possìvelmente agricultores, exceto o agrimensor acima citado e um barbeiro, FRANCISCO EWALD, de 20 anos. O mais idoso dos voluntários contava 47 anos e chamava-se JOÃO FREDERICO HAFENSTEIN; os mais jovens, com 18 anos apenas, certamente a idade mínima para o alistamento, foram CONRADO RIEGEL, ERNESTO RICHTER e CARLOS SIEBERT. Com 19 anos, havia HENRIQUE RIEGEL; 20 anos contavam, além do citado

BRUSQUE

BRUSQUE é das mais belas e prósperas cidades da Bacia do Itajaí. Preparando-se para festejar, em outubro de 1960, o centenário da sua fundação, as indústrias, o comércio e o povo do rico município, unem-se em tôrno de suas autoridades constituídas para dar às projetadas comemorações o máximo de imponência.

A "Sociedade Amigos de Brusque", que congrega em seus quadros as mais altas expressões culturais, econômicas e administrativas da região, está em franca atividade, procurando por tôdas as formas revestir os festejos programados não apenas do possível brilhantismo, mas também do maior significado, de maneira a apresentar Brusque ao Brasil, em tôda a esplendente realidade de uma comuna que, pelo trabalho e a indústria de seus homens, concorre com elevado coeficiente para a grandeza física e moral do país.

Uma das iniciativas já concretizadas é o Hino do Centenário, letra do poeta itajaiense, Eduardo Tavares, e música do brilhante maestro Aldo Krieger, diretor do Conservatório Brasileiro de Música. Também é da au-

---

barbeiro, HERMANN ECKELBERG e GUILHERME HAFENSTEIN; 21 tinham GUILHERME MOHR e JULIO HARTMANN; e 22, CARLOS BANCKE. Acima desta idade, contavam-se: HENRIQUE LUCAS, com 23; JACÓ JASPER e FREDERICO GUILHERME KRÜGER, com 24; CRISTIANO MUELLER e CRISTIANO LUCAS, com 25; RODOLFO WAGNER, AUGUSTO PERSCH e GOTTLIEB GNEWUCK, com 27.

Da turma dos mais velhos contavam-se MIGUEL RIEGEL, com 32 anos; OSCAR KLUGE, com 33; o citado GROSS, com 34; EUGÊNIO KURZ, com 38; e CRISTIANO FREDERICO KRÜGER, com 40 anos.

Ao todo, 31 voluntários.

Assinala a Relação o credo a que pertenciam os patriotas. A maioria era evangélica, contando-se apenas 8 católicos, que eram LUIZ HOFFMANN, HENRIQUE RIEGEL, CONRADO RIEGEL, FERNANDO SCHUMACHER, ELIAS MUELLER, MIGUEL RIEGEL, WENDELINO KRAEMER e CARLOS SIEBERT.

Todos os nomes acima, com exceção do jovem CONRADO RIEGEL, estão citados pelo historiador Lucas Alexandre Boiteux, nas suas "NOTAS PARA A HISTÓRIA DE SANTA CATARINA". Não temos elementos para saber se CONRADO RIEGEL não chegou a seguir para o Paraguai. Não obstante, é certo que chegou a alistar-se.

Ao transcorrer, dentro de mais alguns anos, o primeiro centenário da cruenta campanha, justo será que Blumenau, hoje honrada com a presença de uma unidade do nosso glorioso Exército em seu seio, relembre os seus heróis, inscrevendo os seus nomes num "ROLL OF HONOUR" de mármore, no saguão da sua Prefeitura, para recordar à posteridade que colonos, apenas chegados havia poucos anos ao Brasil, não hesitaram expor a sua vida em defesa da nova pátria que haviam dotado — exemplo digno de ser imitado e memória digna de ser cultuada.

Florianópolis, maio de 1958.

toria dêsses dois artistas o Hino do Centenário de Blumenau, que tanto sucesso alcançou por ocasião das comemorações do jubileu de fundação dessa última cidade.

Pela beleza dos versos e pela harmonia e técnica da partitura, o Hino do Centenário de Brusque é um trabalho digno de ser apresentado aos nossos leitores.

E' esta a magnífica letra que Aldo Krieger musicou:

Foi aqui, neste vale tranqüilo
Entre os montes e o rio escondido.
Que, há cem anos atrás, um pugilo
De imigrantes surgiu destemido
Dos heróis palmilhando o roteiro,
Sôbre o solo, que audaz desbravou.
Êsse grupo invulgar, pioneiro,
A semente de Brusque plantou.

ESTRIBILHO: Salve Brusque imortal, no recesso
Dos teus vales, ressoa nos ares
O cantar triunfal do progresso
Pela voz singular dos teares.

Sôbre as áreas fecundas da terra,
Que ao vigor do trabalho se rendem,
Pela várzea do rio, pela serra,
Pouco a pouco as lavouras se estendem.
E do chão brota a casa modesta,
Construída de palha e de lenho,
Conquistada vai sendo a floresta
E enche os ares o canto do engenho.

Do trabalho sem par do imigrante,
Com bravura e ardor soberanos,
Surge Brusque viril e gigante,
Já passados que foram cem anos.
Terra minha. Só tens ocupado
Posição de relêvo, altaneira,
E teu nome, entre mil, é citado
Como exemplo à nação brasileira.

Como se sabe, Brusque assenta às margens do Itajaí-mirim, um dos principais tributários do grande Itajaí e é sede de um município opulento. Conta com doze fábricas de tecidos, uma de acolchoados, três de bebidas, uma de carroçarias para ônibus, duas de camisas, duas de carroças, uma de roupas feitas, duas de conservas, uma de calçados, uma de fitas de sêda, uma de "slaques", oito de móveis, uma de rendas, uma de vinagre, uma de geléias, duas de tubos de cimento, três de cal, duas salsicharias, uma de laticínios, uma de ladrilhos, uma de cadeiras para barbeiros, uma de guarda-chuvas e sombrinhas, uma de máquinas para olarias, uma de artefatos de couro, uma malharia, dois cortumes, três torrefações e moagem de café, cinco estofarias, duas cerâmicas, uma fundição de ferro e outras de menor importância.

Os tecidos fabricados em Brusque, sob riscos originais, são afamados em todo o Brasil e mesmo no estrangeiro. Do grande parque industrial do município se destacam as Indústrias Carlos Renaux, que empregam mui-

tas centenas de operários e são um modêlo de organização, quer na parte pròpriamente administrativa, seja na referente às relações entre chefes e trabalhadores aos quais se dispensam todos os auxílios possíveis, todo amparo.

Essa importante indústria e o seu benemérito fundador serão objeto de artigo especial.

O município conta, atualmente, com uma área de 700 quilômetros quadrados, aproximadamente, e uma população de cêrca de 40.000 habitantes. Dista de Itajaí, pela estrada que margeia o rio, 38 quilômetros e de Blumenau, 43. A distância até a capital do Estado é de 97 quilômetros, por boas estradas de rodagem. Está em vias de conclusão o ramal da Estrada de Ferro Santa Catarina, que ligará Brusque e Itajaí, a Blumenau e ao planalto catarinense. Também está em adiantada fase de construção a imponente igreja matriz, que será uma obra digna da cidade, pelas suas proporções e pelas imponentes linhas arquitetônicas. Há, em Brusque, no subúrbio de Azambuja, um santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, atrativo de concorridas peregrinações anuais. Em Azambuja está também o Seminário da Arquidiocese catarinense.

Brusque foi fundada em 1860. Os terrenos que hoje integram o município, começaram a ser conhecidos e palmilhados lá pelos fins do século XVIII.

Temos conhecimento de concessões de sesmarias feitas em 1799 ao comandante da fortaleza dos Ratones, de uma légua em quadro das terras que hoje fazem parte do município e possìvelmente alcançavam o seu atual perímetro urbano.

Mais tarde, após a fundação de Itajaí, vemos gente requerendo terras, lançando culturas nas margens do Itajaí-mirim, até grande altura de sua foz e de seus afluentes mais próximos.

Agostinho Alves Ramos, o denodado pioneiro do aproveitamento de tôda a fértil região, pôs o seu prestígio de deputado à Assembléia provincial, de oficial de ordenanças, de negociante ativo e culto, à tarefa de impulsionar, pelo mirim acima, a onda civilizadora que levara até as alturas de Belchior e Gaspar.

Várias tentativas, mais ou menos bem sucedidas, se fizeram para colonizar terras tão bem situadas, dispondo de grandes planícies e aguadas em abundância. Até mesmo Drumond, tido como fundador de Itajaí, recebeu incumbência de El-rei para ali começar um estabelecimento.

Mas, sòmente no govêrno de Francisco Carlos de Araújo Brusque, que administrou Santa Catarina, de 21 de outubro de 1859 até 17 de abril de 1861, foi que se concretizaram os projetos que desde muito vinham sendo elaborados de se fundar, ali, um núcleo populacional que marcasse o início do aproveitamento real e efetivo de todo o vale do Itajaí-mirim.

O aviso imperial de 18 de junho de 1860, determinou a fundação da Colônia Itajaí, demarcando-se-lhe uma área de quatro léguas em quadro, desmembradas da jurisdição da Freguesia do SS. Sacramento do Itajaí. Dando cumprimento a êsse Aviso, Araújo Brusque providenciou o necessário para a fundação, tendo nomeado o Barão Von Schnéeburg diretor da Colônia. Êste, com uma leva de 54 colonos partiu da Freguesia da foz, a 31 de julho, para depois de cinco atormentados dias de viagem, de canoa, passando tôda a sorte de trabalhos e privações, chegar ao local em que hoje se eleva, linda e altaneira, a progressista cidade.

Ninguém melhor do que o seu abnegado primeiro diretor para nos contar o que foi essa aventura. No primeiro relatório enviado à presidência da província, Von Schnéeburg informa, em 31 de agôsto de 1860:

"Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Excia. que em 4 de agôsto corrente, quinto dia de viagem pelo rio Itajaí-mirim acima, cheguei com a primeira turma de 55 colonos com bom tempo e com muito zêlo conduzidos pelo contraente Pedro Werner (vulgo Pedro Miúdo) ao lugar Vicente Só, cujo proprietário Pedro José Werner os agasalhou com o melhor recebimento no seu espaçoso engenho de farinha. Tratei logo de inspecionar o lugar da Colônia, construí 4 ranchos grandes e um armazém de mantimentos com a despesa que se vê na tabela junta de jornais, e algum taboado marcado na conta corrente da Caixa.

BRUSQUE, grande empório industrial do Estado de Santa Catarina, é uma das mais bonitas cidades da Bacia do Itajaí. Fundada em 1860, sob a denominação de Colônia Itajaí, foi freguesia em 1873, passando a chamar-se Freguesia de São Luiz Gonzaga. Em 1881 foi elevada à categoria de sede de município. Em 1890, no govêrno de Lauro Mueller, uma resolução estadual oficializou o nome de BRUSQUE, pelo qual, aliás, sempre a sede da colônia foi conhecida pelo povo. Comarca em 23 de novembro de 1891. Elevada a cidade em 1916. Seu nome é uma homenagem ao Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque, o presidente da província que concretizou a sua fundação às margens do rio Itajaí-mirim.

As picadas antigas das medições, estão quase tôdas fechadas por capoeiras e sem novo limpamento intransitáveis, excetuando parte da meridiana e algumas ao oeste da mesma, ùltimamente limpas. O desembaraçamento do rio da Guabiruba foi feito em tempo de chuvas; agora, porém, com águas baixas, que são as mais freqüentes, é preciso limpá-lo novamente, em certos lugares tirar árvores e mesmo cortar algumas das muitas serpentinas, que tornam a sua navegação com canoas menores, muito difícil, mesmo perigosa . . . "

"Em 19 de agôsto corrente chegaram a Vicente Só os 139 colonos da 2.ª turma, transportados desde a Vila de Itajaí pelo Sr. Francisco José Alves Serpa, gente muito acomodada, que teve má viagem pelas freqüentes chuvas, e sua separação dos mantimentos e trem, cuja demorada tardança causou bastantes inconvenientes. As 10 famílias da primeira turma já estão entregues às suas colônias e estão trabalhando em derrubamentos; as 31 famílias da 2.ª turma poderão tomar posse dos seus terrenos do mesmo modo como os primeiros: por sorte, em mais ou menos 8 dias, se o mau tempo, que nos persegue, melhorar e permitir a demarcação da direção da nova picada de sua passagem, que atravessará os respectivos lotes n.ºs 82, 83, 84, 61 e entre o 72 e 73, cuja picada deverão alargar os mesmos colonos . . . "

"Todos os 194 colonos gozam de boa saúde, menos alguns que se acham bastante incomodados em conseqüência da má viagem e que pela feliz presença do Sr. Eberhardt são por êle com muito cuidado socorridos, sendo êle químico, com o curso de medicina, o que levo à boa lembrança de V. Ex."

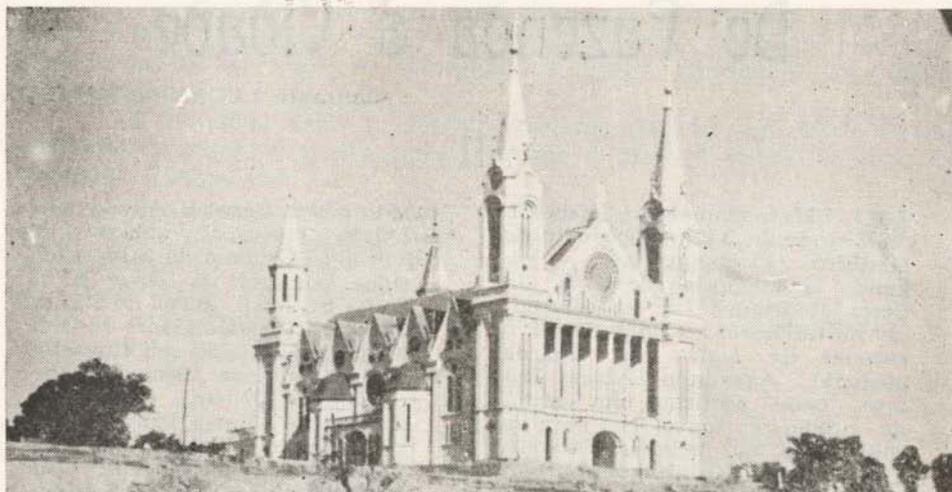
Ao lado de providências para o bem estar material dos colonos, o Barão diretor não esquecia o lado moral em que queria que a sua gente vivesse. E' assim que num trecho de outro relatório, de 24 de outubro do mesmo ano da fundação, êle se dirige nestes têrmos, ao presidente da província:

"Há sem dúvida uma viva urgência de cuidar da moralidade e da instrução até hoje já de 112 menores de ambos os sexos, dos quais pelo menos 1/2 ou 2/3 perderiam com a falta de sacerdote e mestres, todos os bons princípios da sociedade, que tinham principiado a colhêr alguma instrução nas escolas donde saíram no momento da sua emigração. Tomo a liberdade de propor e recomendar como instrutora completa para o sexo feminino das menores desta colônia uma família muito respeitável a todos os títulos que é a Snra. Condessa Maria de Buettner, viúva de honestíssimo comportamento, e de quem tôdas as informações, não tendo eu a fortuna de conhecê-la pessoalmente, são excelentes. E' uma família digna de tôda consideração e de fina educação, por adversidades da vida, sem suficientes nem regulares recursos de seus próximos parentes além do Oceano, talvez sujeita a privações, que sua modéstia oculta com uma vida tôda retirada. Sei que ela aceitaria êste penoso encargo, se em breve tiver a certeza dêste emprêgo para quanto antes começar a funcionar; habitam na capital, Destêrro, e ninguém melhor do que V. Ex. pode fixar esta feliz aquisição, proporcionando com isto às filhas dos colonos da Colônia Brusque uma instrução em tudo e por tudo garantida nas pessoas muito beneméritas da Snra. D.ª de Buettner, sua mãe e sua filha . . . (Esta família pode também ensinar a língua portuguêsa)".

Com o trabalho, a abnegação, o desprendimento dos seus gloriosos fundadores, Brusque foi crescendo. Outros elementos vieram substituí-los, imbuídos do mesmo espírito de disciplina, de ordem, de atividade persistente em prol da organização e engrandecimento da comunidade que, em pouco tempo, se transformaria numa colmeia onde a operosidade inteligente criaria fontes de inestimável riqueza para o Brasil.

A êsses pioneiros, aos homens que os sucederam no amanho da terra, no trabalho das oficinas e dos engenhos; aos que audaciosamente executa-

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE

MONUMENTOS DA BACIA DO ITAJAÍ

A IGREJA matriz de Gaspar, próspera cidade da Bacia do Itajaí, é uma das mais imponentes obras de arte de tôda a região. Situada no ponto mais elevado do centro urbano, é avistada de grandes distâncias, causando magnífica impressão, em meio à exuberância de uma natureza rica de encantadoras paisagens. E' administrada pelos padres franciscanos que capricham em trazê-la sempre bem arrumada e digna. E' dedicada a São Pedro, Apóstolo, patrono da paróquia. A planta é da autoria do arquiteto Simão Gramlich, de Blumenau, a quem se devem os riscos de muitos e imponentes templos brasileiros.

BRUSQUE *CONTINUAÇÃO*

ram os planos de industrialização em que o município, hoje, se aprimora, prestamos, neste caderno, uma homenagem muito justa, muito sincera.

APROVEITANDO o ensejo da publicação dêste artigo, queremos expressar os nossos agradecimentos ao Sr. Ayres Gevaerd, Presidente da Sociedade Amigos de Brusque, pela gentileza da remessa do relatório que a diretoria da benemérita agremiação apresentou, em abril dêste ano, à Assembléia Ordinária.

Trabalho bem feito, minucioso, nos dá conta das atividades em que se empenhou, durante o último exercício, a Sociedade que tantos e tão bons serviços continua prestando ao município, merecendo os aplausos incondicionais e a simpatia de todos os brusquenses.

Lisonjeados com o cavalheiresco gesto do Sr. Gevaerd, pomos êstes Cadernos à disposição da Sociedade Amigos de Brusque para o ensino e a divulgação da bela história do município, das atividades econômicas da sua gente, das virtudes do seu nobre povo.

ITAJAÍ

De Fazenda à Cidade

Almirante LUCAS A. BOITEUX

II

IV. EM o primeiro quartel do século XIX, procedente do Destêrro (Florianópolis) — segundo as memórias de J. M. da Costa Rodrigues — estabeleceu-se "no território do rio de Itajaí, o coronel da legião da Guarda nacional, Agostinho Alves Ramos, onde edificou um grande prédio e concorreu para a construção da primeira Capela que se fêz de pau a pique, barreada, próxima à casa de residência em a qual tinha negócio, e sua mulher, padaria. Era o único negociante do lugar, e comprador de todos os gêneros e madeiras que o povo serrava a braços. Obtivera do govêrno várias concessões de terras; era o carregador dos barcos do major Anacleto José Pereira (negociante no Destêrro); diretor das colônias que o govêrno mandou estabeleder, cujas terras tinha autorização de passar títulos; era diretor das obras públicas, pontes e estradas; fornecedor de tudo que era preciso no lugar; administrou a primeira Capela, bem como a segunda, por ter caído a primeira. A pedra da segunda Capela, que presentemente serve de matriz, êle a mandou tirar da sua fazenda no rio da Conceição, onde também tinha olaria, e também boas madeiras, sendo a nova Capela construída pelo material por êle fornecido e bem vendido".

V. — Estabelecido que foi em Itajaí, o então Major Agostinho Alves Ramos armou, em uma das dependências de seu solar, pequena capela, onde se rezavam novenas e, de longe em longe, os vigários e capelães de Itapocoroy e Pôrto Belo, realizavam ofícios divinos. Mercê de seu prestígio, a 31 de março de 1824, o pequeno arraial foi elevado a Curato, e nomeado o seu Capelão curado pela Provisão episcopal abaixo: —

"Dom José Caetano da Silva Coutinho, por mcê de Deus e da Santa Sé Apca., Bispo do Rio de Janeiro, Capelão Mor de Sua Mag. Imperial, do seu Conselho e Presidente da Mesa da Consciencia e Ordem, etc. Aos q. a presente Nossa Provisam virem Saúde e Benção. Fazemos saber que atendendo Nós a suficiencia e bom procedimento do Rev. Pe. Frei Pedro Antonio Agote, Religioso Franciscano, Havemos por bem de o prover, como pela presente Nossa Provisam o provemos e enquanto não mandarmos o contrario em a Ocupação de Capelão curado no Districto de Itajahy que comprehende todos os moradores entre o Rio Gravatá do Norte e o Rio Camboriu do Sul a qual Occupação servirá bem e fielmente como convem ao serviço de Deus e bem das almas dos moradores do mencionado districto, administrando-lhes os Sacramentos e absolvendo-os de todos os pecados excepto dos reservados, actuaes, voluntarios concubinatos e occasiões (?) proximas, fazendo Estações, ensinando a doutrina christã principalmente aos pequenos e pessoas rudes que necessitarem de a saber e muito lhe encarregamos a boa direcção das almas dos moradores do districto, do que dará contas a Deus Nosso Senhor e na dita Occupação perceberá os fructos da .... e pé de Altar segundo o costume do Bispado além da Congrua em que convencionar com o povo e todos os mais próes e percalços que direitamente lhe pertencerem: e lhe concedemos mais

a facilidade de poder benzer na forma do Ritual Cemitérios e **uma Capela do Smo. Sacramento logo que estiver acabada e em termos de se celebrar o St.º Sacrificio da missa**, authorizando-o para celebrar entretanto no **Oratório particular que lhe parecer decente.** E mandamos a todos os moradores do referido districto reconheção ao dito Pe. Frei Pedro Antonio Agóte por seu Capellão Curado e como tal o estimem, obedeção e bem o tratem em tudo quanto são obrigados e para que inteiramente assim se observe a publicará em a primeira Dominga ou dia festivo aos seus Aplicados; e será apresentada ao Revdo. Vigário da Vara respectiva para a fazer cumprir e registrar. Dada nesta leal e heroica cidade do Rio de Janeiro sob o Nosso Sinal e Sello da N. Chanc. a, aos trinta e hum de Março de mil oitocentos e vinte e quatro. E eu Padre Francisco dos Santos Pinto, Escrivão da Camara Episcopal a subscrevi. — **J. Bispo do Rio de Janeiro, Capelão Mor**".

Chana.	1.600
Sello	60
Desp.	600
Reg.	80

Regda. a fl. 46 do L. das Provisões

Rio 31 de Março de 1824. Gonzves.

"Provisão que V. Exca. Revma. ha por bem prover ao Rdo. Pe. Frei Pedro Agóte na Occupação de Capellão Curado no districto de Itajahy na forma acima. Para V. Exca. ver. Cumpra-se e registe-se. Itapocoroy 20 de Julho de 1824".

VI — A doação do terreno destinado à Igreja e ao Cemitério do Curato consta do documento, que passamos a transcrever: — "Dizemos nós a Baixo assignados com huma Cruz que he o Signal de que uzamos **José Coêlho da Rocha** e minha mulher **Maria Coêlho da Rocha** que somos Senhores e Possuidores de trinta 30 Braças de terras de Frente com cecenta 60 braças de fundos sitos neste Rio de Itajahy Grande no Logar Chamado Esteleiro (1) cujas terras fazem a Leste no dito Rio as frentes os fundos ao Oeste com terras da nossa propriedade. Extremão pelo Sul com terra de Agostinho Alves Ramos e pelo Norte ainda com terras de Nossa propriedade cujas terras assim confrontadas Fazemos Doação no valor de trinta mil reis ao Santissimo Sacramento para nellas ser feita sua Capella e hum cemiterio Com condição de se nos dar à sepultura e fazer noço Bem d'Alma cuja Doação fazemos por muita nossa Livre vontade e sem Constrangimento de pessôa Alguma. E pedimos o Senhor Bento José da Costa qui este por nós fizesse. Assignando como testemunhas e Nós assignamos com o nosso signal que é uma Cruz. Rio de Itajahy 2 de Abril de 1824. — **José Coêlho** + **da Rocha** — **Maria Coêlho** + **Rocha.** Como testemunha que este fiz por ser pedido pellos ditos Senhores — **Bento José da Costa.** — Como testemunha que lhe este vi fazer — **Germano José da Silva**".

VII. — O Conselho-geral da província de Santa Catarina, por proposta de 13 de janeiro de 1830, mandava estabelecer duas povoações de 200 casas na terra firme, sendo indicado como sítio mais adaptado ao assento de uma delas o rio **Tajay** ou **Itajahy**, informanos o visconde de S. Leopoldo em seus preciosos Anais, pag. 430.

Em 19 de janeiro de 1833, a Câmara municipal de S. Francisco oficiava ao Conselho-geral da província, apresentando-lhe uma representação dos habitantes da Capela curada do SS. Sacramento e N.ª S.ª da Conceição do rio Itajaí, pedindo a graça de erigir-se em Freguesia a dita Capela, sendo ela provida pelo Estado com a merecida côngrua. Achava justa a Câmara a pretensão, **pois tinha o povo, sem outro auxílio, edificado a Capela,** buscando um Cura d'almas a quem pagava, e "edificarem seus prédios urbanos no lugar detalhado, que já oferecia bonita perspectiva".

Eis a cópia da informação da Câ-

---

(1) ESTALEIRO DAS NAUS, sítio sôbre a mão esquerda do Itajaí, nas imediações da confluência do rio Arraial, diz J. Boiteux em seu "Dicionário".

mara de S. Francisco: — "Illms. Snrs. Presidente e Membros do Conselho Geral da Provincia: — A Câmara Municipal da Villa da Graça desta Provincia de Santa Catharina, satisfazendo o seu dever na parte que lhe toca de promover quanto possa o bem e felicidade dos povos do seu Municipio, vem com todo o devido respeito ante ao Illm.º Conselho geral da Provincia apresentar uma Representação dos habitantes da Capela Curada do SS. Sacramento e N.ª S.ª da Conceição do Rio d'Itajahy como lhe he pedido para o fim de obterem a graça de erigir em Freguezia a dita Capela, provida pelo Estado com a merecida congrua, o que tudo bem expende a mesma representação e oficio do respectivo Juiz de Paz que acompanha. A mesma Camara ao tempo em que assim oferece as suplicas d'aqueles moradores não pode também deixar de referir ao Illm.º Conselho geral quão justa por que os Povos mencionados, com seu trabalho, com sua deligencia, sem mais algum auxilio edificaram a Capela actual; buscarão seu Cura d'almas a quem pagavão em quanto podião, edificarão seus prédios urbanos no lugar detalhado, que já oferecem muito bonita perspectiva, exigindo séria contemplação sua População e Lavoura teem muito aumentado; necessária por que o marcado Rio de Itajahy por sua riqueza e extensão pode ser já huma Freguezia, e no futuro huma vila, que muito interessará a Provincia e ao Estado Digne-se pois o Illm.º Conselho Geral de tomar com o merecido acolhimento a presente informação, e de resolver com a justiça que costuma. Paço da Camara em sessão (sic) extraordinária de 19 de Janeiro de 1833, etc., etc."

Como é de ver, à frente dessa natural aspiração dos moradores de Itajaí encontrava-se o esclarecido e dinâmico brasileiro Major Agostinho Alves Ramos. Tendo ido à capital tratar da pretensão dos seus constituintes, de volta a Itajaí escreveu, a 25 de janeiro de 1833, a carta abaixo ao presidente: — "Ilm.º e Exm.º Snr. Presidente da província, Feliciano Nunes Pires — Logo que cheguei d'essa cidade tratei de que se ordenasse a Petição que o povo devia dirigir ao Conselho geral para elevar êste Curato à Freguezia com a côngrua da Lei, a qual tendo sido dirigida pelo Juiz de Paz à Câmara de S. Francisco, que só no dia 19 pôde reunir-se e dar a sua informação, ainda ontem me foi entregue; e não obstante estarem já no fim do mês, lembrando-me que poderá haver prorrogação do Conselho e que em todo caso será útil ser-lhe presente a petição do povo e a informação da respectiva Câmara, inda que já se havia deliberado e reduzido a proposta, em conseqüência da diligência e recomendação que V. Exa. se dignou fazer, tomo por isso a ousadia de dirigi-la respeitosamente às mãos de V. Exa. para se servir mandar dar-lhe o destino conveniente; cuja graça esperamos V. Exa. se dignará liberalizar a êste Povo que conta com a sua benigna proteção. Não tendo vindo à minha mão os documentos em aberto, como esperava, para os enviar assim a V. Exa., e tão sòmente se me comunicou o contexto da dita informação essa mesmo levo ao conhecimento de V. Exa. pela cópia junta, para seu devido conhecimento. Deus guarde a V. Exa. muitos anos! De V. Exa. o mais reverente e obrigadíssimo criado **Agostinho Alves Ramos** — Itajaí, 25 de janeiro de 1833".

E assim, pela Resolução de 12 de agôsto de 1833, de acôrdo com a proposta do Conselho Geral da província, o Arraial de Itajaí foi elevado à categoria de Paróquia sob o orago do Santissimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição.

Nessa mesma data foi ali criado um Distrito policial.

VIII. — A lei provincial n.º 9 de 15 de abril de 1835 mandou criar uma Cadeira de primeiras letras na paróquia do SS. Sacramento de Itajaí, vencendo o Professor o ordenado anual de 180$000 rs., devendo ensinar segundo o método

individual a ler, escrever, as quatro operações de Aritmética, a Gramática portuguêsa, e Ortografia e a Doutrina Cristã. Para o preenchimento dessa cadeira acima, foi afixado edital a 15 de setembro do mesmo ano.

A lei n.º 11, de 5 de maio do referido ano, autorizou o Presidente da provincia a estabelecer às margens do Itajaí duas colônias. Eis o texto da lei:

"Artigo 1.º — Nos rios Itajahy, e Itajahy Meri, da Freguezia do Santissimo Sacramento se estabelecerão duas Colonias, cada huma com dous Arraiaes.

Artigo 2.º — Nos lugares denominados Pocinho, e Taboleiro, aquelle no Itajahy grande, e este no Itajahy Meri, se situarão os dous primeiros Arraiaes. Os dous ultimos, no caso de progredirem as Colonias, deverão ser, hum nas nascentes do Ribeirão da Conceição, braço deste ultimo, e o outro no alto d'aquelle, no lugar do Belchior ou mais acima, em sitio tal, que ambas as margens possão ser habitadas.

Artigo 3.º — Podem ser Colonos, não só qualquer Cidadão Brasileiro; mas tambem os estrangeiros, que ao presente se acharem na Provincia, e os que para o futuro a vierem habitar.

Artigo 4.º — A cada Colono se dará huma sorte de terras de duzentas braças de frente sendo Solteiro, de trezentas sendo casado, e tendo este mais de trez filhos quatrocentas, todas com quinhentas de fundo.

Artigo 5.º — O Juiz de Paz do Districto fica competindo fazer medir, e demarcar as sortes de terras, de maneira que fique sempre completa a superficie, quando, quer na frente, quer no fundo, se encontrem obstaculos ou terras inaproveitaveis, sendo as despezas da demarcação feitas pela Fazenda publica, e obrigados os Colonos a satisfaze-las dentro do prazo de cinco annos. As sortes de terras, que no fim de seis mezes não tiverem principio de cultura, não apresentando o colono permissão do Presidente da provincia, que prorrogue o prazo, serão consideradas vagas, e nos termos de serem concedidas a quem as requerer.

Artigo 6.º — Perderá o direito á sorte de terras o Colono, que em qualquer tempo a abandonar por trez annos consecutivos, e não a poderá vender, ou seus herdeiros, antes de passados dez annos a contar da data da concessão. As disposições acima não se entendem a respeito das benfeitorias.

Artigo 7.º — Nos lugares destinados para os Arraiaes ou Povoações na fórma do Artigo 2º. se marcará huma extensão de quinhentas braças em quadro para os estabelecer, da qual se distribuirá a cada hum Colono a necessaria porção para edificação da casa, reservando-se o restante para logradouro Publico. A fundação dos Arraiaes precederá levantamento de plano para elle, que será mandado fazer pelo Presidente da Provincia.

Artigo 8.º — Ficão contemplados como Colonos os posseiros já estabelecidos nos lugares designados no Artigo 1º., por permissão do Presidente da provincia, e confirmados na posse interina, em que se achão.

Artigo 9.º — Os colonos serão isentos de todo o onus pessoal fóra Districto da Colonia e de imposições de qualquer natureza, que sejão, por tempo de dez annos. As outras vantagens porém, e a Concessão gratuita de terrenos, cessarão, a contar de primeiro de Março de mil oitocentos e oito em diante.

Artigo 10. — Ao Presidente da provincia compete dar cumprimento à presente Resolução dando conta à Assembléia provincial em cada huma de suas Sessões, do estado das referidas Colonias.

Artigo 11. — Ficão derrogadas todas as disposições em contrario".

De conformidade com a lei n.º 21, de 13 de maio do ano em aprêço, em seu título 10, o presidente ficou autorizado a despender .... 2:000,000 rs. com a exploração do rio de Itajaí, estabelecimento de Colônias nas suas margens, civilização de Indígenas e pagamento a escoltas de Pedestres.

Resolveu o presidente mandar explorar o rio Itajaí-mirim até o Trombudo, na estrada de Lajes. No entanto, nessa ocasião, não existia na província um só engenheiro para ser encarregado dêsse importante serviço. Por êsse tempo, o Major Agostinho A. Ramos foi nomeado Inspetor das referidas colônias, de cujas terras tinha autorização de passar títulos. No dia 2 de outubro de 1835, em carta ao Presidente da província, comunicava êle que, desde junho, havia vestígios do gentio (Bugres-Botocudos). Informava que, a 24 de setembro, um colono alemão, subindo o rio da Conceição, dentro das terras de sua propriedade, avistara muito perto um selvagem, que fugira ao ouvir o cantar dos escravos que tripulavam uma canoa. Em uma batida que fizeram, acharam rastros de dois ou três indivíduos em sítio que podia distar 400 braças dos engenhos e casa dêle, Ramos, pouco mais de uma légua da povoação.

A 27 de fevereiro de 1836, o Secretário do govêrno, Major José da Silva Mafra, oficiava ao Major Agostinho A. Ramos para que, com a brevidade possível, informasse se conhecia pessoa capaz de encarregar-se da exploração do Itajaí-mirim; quais os meios necessários a empregar em homens, transporte, ferramentas, munições e despesa provável, o tempo necessário à exploração, etc.

A 15 de março respondia êle que o Alferes João da Silva Mafra, afazendado na freguesia e, na sua falta, o Alferes João da Cunha de Souza, eram as pessoas do seu conhecimento mais aptas para a referida exploração. Consultados a respeito, concordaram "na crescida soma de 1.112$000 rs. Aqui transcrevemos a carta do major Agostinho: - "Illmo. Snr. Em cumprimento do Oficio de V. Sa. de 27 do passado, tenho a informar sobre os objetos q.o Ex°. Snr. Prezidente da Prova, manda propor-me. 1.° — Que o Alferes João da Silva Mafra, afazendado nesta Frega, e, na falta dele, o Alferes João da Cunha de Souza, são as pessoas que conheço mais aptas pa. serem encarregadas da exploração do Itajahi-Miri. E 2.° — Que tendo os eu consultado, concordarão, com pouca diferença, no cálculo junto, orçado na crescida soma de 1.112$000 rs. em razão dos grandes vencimentos diários, e do número de indivíduos exigido; além de Armas de fogo, munições, e ferramenta de cortar. Nêles se dão 60 dias pa. ida e volta, mais 40 de serviço sòmente, bem como 2 Feitores que, quanto a mim se poderão substituir por 2 homens escolhidos d'entre os doze trabalhadores. Este cálculo supõem dous diversos trabalhos — o exame e exploração da parte navegavel do rio; e do terreno da margem direita, do primeiro salto para cima, lugar distante d'aqui seis dias de viagem. Não obste. porém, eu sou de opinião que se si facilitarem as conduções de comestíveis por via de remessas regulares, pode diminuir-se ainda o numero de bocas em marcha. Êste detalhe exige, então, hum deposito no lugar do salto, ou naquele ponto até onde por ora se conhece o rio navegavel. Se o projeto da creação dos Pedestres, oferecido pela Comissão de Catequeze e Colonização tivesse podido ser ultimado, ou seria antes de parecer que das duas Secções destinadas pa. aqui se tirasse a força necessaria para a exploração. O plano da sua creação podia ser estendido a este objeto, e a Fazda. publica economizaria huma despeza especial interessantissima e de reconhecida necessidade. A escassez do tempo e a falta de melhores dados me não permitem oferecer hum trabalho mais perfeito, Ds. Guarde a V. Sa. — Itajahi, 15 de Março de 1836. — Illmo. Snr. Tene. Coronel. José da Silva Mafre, Secretário do G.° da provincia — Agost.° Alvs. Ramos". Em anexo, enviava o seguinte

CALCULO Pa. A EXPLORAÇÃO DO ITAJAHI-MIRI ATÉ O TROMBUDO NA ESTRADA DE LAJES

1	Administrador ou Encarregado, 60 dias de ida e volta a 1.200	72.000

O Cônsul Carlos Renaux

QUEM se propuser a escrever sôbre Brusque, sôbre o seu desenvolvimento político, econômico, religioso e social não pode deixar de trazer ao primeiro plano de suas considerações a figura benemérita do Cônsul Carlos Renaux.

A memória dêste prestimoso cidadão está de tal forma ligada à história da cidade e do município que não é possível, mesmo a custo de injustiças, dissociá-las.

Com apenas vinte anos, moço cheio de vida e de esperanças, deixou a sua pátria, o Gran-ducado de Baden, e veio para o Brasil. Trouxe, com algum dinheiro também, a fortuna que êle sempre mais prezou: o seu certificado de curso secundário, obtido no ginásio de sua cidade natal, Loorach, certificado que lhe abrira, antes, as portas de um emprêgo no "Kreishypotheken Bank".

Altivo, empreendedor, ambicioso no bom sentido, êle jamais se prenderia à vida calma, metódica, imutável de um simples funcionário bancário, por mais que se visse cercado da estima e proteção de seus patrões, por mais conselhos que lhe dessem os pais, Johann Ludwig Renaux e sua espôsa Sofia Ludin, sempre solícitos em proporcionar-lhe educação esmerada, dentro dos melhores princípios da religião e da moral.

Carlos estava talhado para maiores destinos.

Êle sentia isso dentro de seu íntimo e, por isso, revestido de uma ilimitada confiança em si próprio, no acêrto dos seus planos, venceu galhardamente em todos os empreendimentos a que se atirou.

Permaneceu alguns meses no Rio de Janeiro, transferindo-se depois para Brusque, então uma aldeiazinha insignificante, cabeça de um distrito colonial que se estendia pelo Garuba acima e difìcilmente alcançada pela miserável picada que, margeando o Itajaí-mirim, partia da Vila do Santíssimo Sacramento, também um povoado pouco maior, na foz do grande Itajaí.

Fôra para lá para gerir a filial da firma de Germano Willerding, dona de grande empório na sede do distrito.

Mal havia se passado um ano, e ei-lo proprietário da casa de negócio que fêz prosperar pela sua incansável atividade, pela correção com que primava em tôdas as transações.

2	Subalternos ou Feitores de serv.º 40 a 1.000	80.000
12	Trabalhadores de serv.º 40 a 800	384.000
10	Conductores de serv.º 40 a 640	256.000
	Soma 25 individuos, calculada a despeza de boca a 200 rs. diários, em 60 dias	300.000
	Para remos e alguma canoa que se quebre	20.000
		1.112.000

25	Armas
25	Pistolas
1250	Cartuxos embalados
250	Pederneiras
22	Facas de Mato
4	Machados
4	Foices
2	Enxós curva e chata

Itajahi 15 de Março de 1836 — **Agost.º Alz. Ramos".**

Em 1884, contraiu matrimônio com Dona Selma Wagner, filha de um dos colonos pioneiros de São Pedro de Alcântara e de Gaspar e que o Dr. Blumenau, quando subira o rio para dar comêço à emprêsa que lhe imortalizou o nome glorioso, já ali encontrou com casa e roças.

Dêsse feliz consórcio nasceram onze filhos.

Renaux não se contentou com a abastança advinda da casa comercial, nem com a vida calma de um simples comerciante de aldeia. Queria mais; mais para si e mais para a cidade e o país que escolhera para sua segunda pátria. E meteu-se na indústria. Comprou teares e montou uma pequena fábrica de tecidos. Lutou, a princípio, com tôda a sorte de contrariedades. Mas a sua vontade de ferro, a sua persistência de predestinado, acabaram por levá-lo à vitória. Sua indústria começou a florescer, a progredir sempre mais. Montou, anexa à sua tecelagem, a primeira fiação de algodão em Santa Catarina. E, à proporção que a sua fortuna se acumulou, crescia nêle o desejo de reparti-la com a sua cidade, com o fazer bem aos necessitados, com o ajudar aos que, honestamente, tentavam progredir na vida.

Como não poderia deixar de suceder com um homem dessa têmpera, Renaux foi arrastado para a política.

Fêz parte da primeira Assembléia Constituinte Estadual tendo assinado a constituição catarinense de 11 de junho de 1891.

Foi superintendente — cargo equivalente ao de prefeito — de Brusque e, nesse pôsto, mandou construir o edifício da Câmara Municipal. Centenas de obras espalhadas pela cidade e pelo município, umas de grande vulto, outras de menor significado, mas nem por isso menos úteis, atestam tanto a sua incansável operosidade quanto o seu entranhado amor a Brusque e o seu altruísmo, o seu desapêgo ao dinheiro quando se tratasse do bem da coletividade, do engrandecimento do município que tanto amava.

Tendo falecido sua primeira e dedicada espôsa, Carlos Renaux contraiu segundas núpcias, em 1912, com Dona Joana Von Schoenenbeck. Essa união teve curta duração pois Dona Joana veio a falecer em 1920 em Arnheim, onde Renaux passou a exercer as funções de Cônsul do Brasil, honra que o govêrno brasileiro lhe conferira em reconhecimento pelos seus muitos e bons serviços ao município, à Santa Catarina e ao país.

Depois da morte de sua segunda espôsa, Renaux mudou-se para Baden-Baden, Alemanha, onde também continuou exercendo as funções de Cônsul do Brasil. Orgulhava-se dêsse título e dignificava-o pelo seu correto proceder.

Passou vários anos em Baden-Baden, ali casando-se pela terceira vez com Dona Maria Luíza Augusta Lienhaerte, que faleceu em Brusque em 1939.

Regressando ao Brasil, pôs-se novamente à frente das suas indústrias, apesar da sua já avançada idade. Mas, mesmo assim, dirigiu-as com critério e sabedoria até 1937, ano em que delas se retirou definitivamente, entregando a direção a seus filhos.

Cercado da estima, do carinho dos seus numerosos descendentes, da verdadeira veneração que por êle sentia todo o povo de Brusque, Renaux fechou os olhos para êste mundo a 28 de janeiro de 1945.

O município já imortalizou no bronze êsse seu dedicado amigo, erguendo-lhe um magnífico monumento na principal praça pública da cidade.

A vida e a obra do Cônsul Carlos Renaux são glórias de que Brusque sempre se orgulhará.

Figuras do Passado

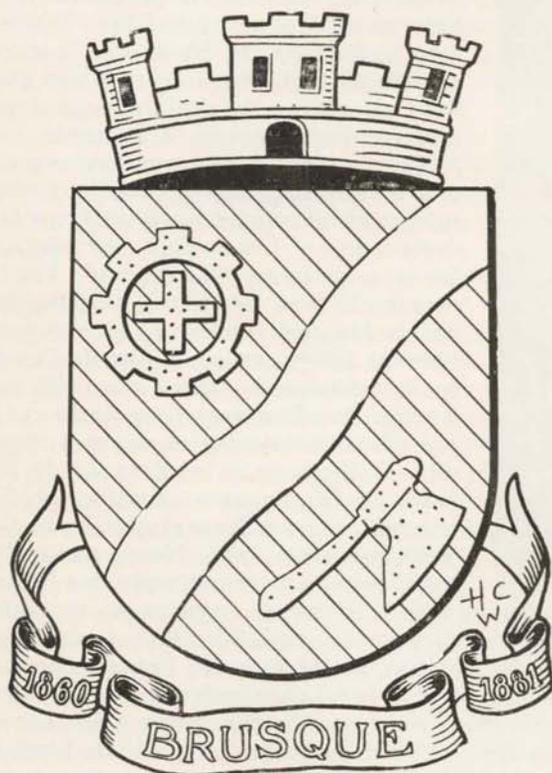
Emílio Odebrecht

O ENGENHEIRO Emílio Odebrecht, que seguiu, como tenente, com o corpo de voluntários blumenauenses para a guerra contra o Paraguai, uma das figuras mais interessantes da história de Blumenau. Veio para o Brasil em 1857. Trabalhou ao lado do Dr. Blumenau, encarregado da demarcação e medição dos lotes coloniais e da exploração dos caminhos que ligariam a nascente colônia com o planalto e com outros centros de população da província. Como integrante do corpo de voluntários foi destacado em Corrientes, para tripular a canhoneira "Araguaia". Tendo encalhado êsse barco nas proximidades de Itapiru, Odebrecht com os seus homens foi guarnecer a ilha de Cerrito. Aí adoeceu de febres em 1866, regressando a Destêrro. Depois de exercer várias comissões na colônia Príncipe D. Pedro e na exploração da estrada de Blumenau a Curitibanos, foi nomeado para a Repartição Geral dos Telégrafos em 1881. Nesse pôsto, foi encarregado da construção das linhas telegráficas do litoral de S. Catarina e do Paraná, da exploração da linha para Guarapuava. Explorou parte do Iguaçu e, segundo relata a sua fé de ofício: "reconheceu a foz do rio S. Antônio, em 1884, o rio Peperi, chegando até as Sete Quedas, em 1885, a divisa das águas entre o Campo Erê, Campina do Américo, determinando a nascente do rio Santo Antônio, levantou a planta do rio Uruguai. Em 1887 fêz parte da Comissão de Limites como auxiliar do chefe da mesma comissão. Em 1888, nomeado engenheiro chefe do distrito do Estado de Santa Catarina, serviu neste cargo até abril de 1891, quando obteve licença de um ano. Em 1893, encarregado da construção das linhas para Brusque e Lajes, partindo ambas de Blumenau". Faleceu a 5 de janeiro de 1912. Amigo de Fritz Mueller e, culto como era, amante das ciências naturais, muito auxiliou o sábio na coleta de material científico nas suas excursões pelo interior. Várias espécies de plantas e insetos foram classificadas por Fritz Mueller com o nome de Odebrecht. E' êste um cidadão que, por todos os títulos, merece seja cultuada a sua memória como um dos mais eficientes batalhadores pelo engrandecimento de Blumenau e do Brasil.

O Brasão de Brusque

ATÉ agora, cinco eram os municípios brasonados de Santa Catarina: Florianópolis, Laguna, São Francisco, Joinville e Blumenau.

O primeiro foi idealizado pelo mestre Lucas A. Boiteux, historiador dos mais ilustres e conscienciosos. O de Joinville, mandado adotar oficialmente durante a gestão do Prefeito Ulisses Costa é, como os de São Francisco, Blumenau e Laguna, obra do grande catarinense, um dos mais notáveis historiadores brasileiros, o Dr. Afonso Taunay.

Dentre os treze municípios que compõem a Bacia do Itajaí, apenas Blumenau possuía escudo armorial.

Brusque vem, agora, juntar-se às comunas brasonadas. E vem de uma maneira brilhante. O seu brasão heráldico é, como se vê do clichê que ilustra esta notícia, simples e muito significativo. O seu autor foi feliz. Não tem as complicações dos escudos de Blumenau, de São Francisco, dêste principalmente, de Joinville e de Laguna cujo idealizador, homem de apreciável saber e vasta cultura histórica, procurou reduzir a símbolos heráldicos acontecimentos às vêzes pouco significativos na formação das origens e desenvolvimento do município focalizado. O de São Francisco, principalmente, peca por êsse excesso de detalhes. A caravela que ocupa a parte central do escudo dispensaria, perfeitamente, as armas, representadas nos escudetes superpostos, dos navegadores que aportaram a São Francisco no século do descobrimento e lançaram as bases do povoamento da ilha e região adjacente, como Lery, Sanábria e Cabeça de Vaca. O seu autor, naturalmente, quis que o escudo servisse para uma verdadeira e completa aula de história do município, da sua fundação, das alegrias e vicissitudes do seu desenvolvimento através dos séculos, dos homens que cooperaram na sua grandeza, dos fatos que deixaram gloriosas tradições que servem de orgulho para o seu povo e, finalmente, dos tesouros naturais e das indústrias com que concorrem para a riqueza do país. Mas com isso, rodeou a interpretação do escudo de

tantas dificuldades que os que não conhecem perfeitamente os mínimos pormenores da história comunal não saberão defini-lo. E um escudo municipal, no nosso modo de ver, deve resumir, tanto quanto possível, essa história em símbolos que representem os principais fatôres em que tiveram origem e desenvolvimento a cidade e o povo que a levantou e engrandeceu.

Os pormenores devem ficar para os que queiram se aprofundar no estudo do passado do município e para o que os símbolos heráldicos servirão, apenas, de orientação nos caminhos principais.

No de Brusque, a nosso ver, conseguiu-se brilhantemente êsse objetivo. Escudo simples, as crianças de escola fàcilmente o gravarão na memória e o significado das figuras que o compõem não lhes fugirão mais da lembrança. Os mestres, os historiadores, êstes terão, no escudo, o ponto de partida para os seus estudos mais profundos, mais esmiuçados, dos menores incidentes da vida municipal e da história dos seus homens, cousa que deverá ser procurada nos arquivos e na tradição oral.

Na transcrição, que em seguida faremos, da lei que instituiu o escudo armorial de Brusque e lhe dá a interpretação oficial, poderão os leitores capacitar-se da verdade do que vimos afirmando. O escudo é despido de arabescos e complicações, mas é uma lição muito interessante da história de Brusque nos seus principais lineamentos.

No nosso entender, apenas uma restrição se poderia fazer a êsse trabalho: em vez da inscrição do nome do município no listel inferior, teria sido mais interessante o de um dístico latino, como é costume, que servisse de lema. E' mais expressivo. Veja-se, por exemplo o de Joinville: "Brasilia mea autem magnitudo", "A grandeza do Brasil também é a minha grandeza". Ou o de Laguna: "Ad meridiem Brasiliam duxi", "Levei até o sul as fronteiras do Brasil", numa alusão a que foram os lagunenses os primeiros povoadores do "Continente" de São Pedro do Rio Grande.

Mas é possível que o autor do escudo, tendo presentes argumentos do valor dos que vimos expendendo nestas linhas, quisesse afastar do seu trabalho tôdas as complicações que viessem tornar mais difícil, às crianças, ao homem do povo, a interpretação do brasão armorial. E achasse assim que um dístico latino, ou mesmo em outro idioma (o de Botucatu tem um lema em guarani) viesse apenas embaralhar as cousas.

E nisso êle não deixa de ter razão.

O autor do escudo de Brusque, a quem felicitamos sinceramente pelo trabalho magnífico que executou, é o Sr. Tenente-coronel Henrique Oscar Wiederspahn, ora residente em São Paulo.

Eis o texto da lei que adotou o brasão de Brusque:

"LEI N.º 156

(Cria o brasão de armas do Município de Brusque)

Eu, Carlos Moritz, Prefeito Municipal de Brusque,
Faço saber a todos os habitantes dêste Município que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Considerando que a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, Promulgada em 18 de setembro de 1946, em seu parágrafo único, do artigo 195, autoriza possuírem os municípios brasileiros seus símbolos próprios:

Considerando que o Município de Brusque, no Estado de Santa Catarina, a exemplo dos demais municípios brasileiros, deve possuir também êstes símbolos próprios e na forma de um brasão de armas municipal;

Considerando mais que tanto êste brasão, como qualquer outro símbolo,

devem representar sempre aquilo que a tradição local nos liga, no presente, ao que a História nos relata, quanto ao passado, na obra comum pela grandeza da Pátria e dêste nosso Estado, recordando seus pioneiros e sua estrutura municipal inicial;

Considerando finalmente que êste município teve seu oficial de colonização e povoamento em 4 de agôsto de 1860, graças a uma iniciativa de elevada visão do então presidente da Província, Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque, cujo nome eterniza em sua designação como município criado em 23 de março de 1881;

Art.º 1.º — O Município de Brusque tem como símbolo próprio o brasão ou escudo de armas criado e regulamentado pela presente lei.

Art.º 2.º — O Brasão ou escudo de armas a que se refere esta Lei deverá constar como timbre em todos os impressos do expediente administrativo municipal e demais documentos oficiais, tanto internos como externos.

Parágrafo Único — Poderá também figurar êste brasão ou escudo sôbre os imóveis municipais, móveis, palanques oficiais e outros objetos pertencentes ou atinentes a esta municipalidade, respeitada a precedência da lei federal quanto ao escudo de armas e bandeira nacional e quanto ao escudo de armas e bandeira estadual, nos casos exigidos pelas circunstâncias.

Art.º 3.º — O brasão de armas ou escudo municipal apresentará as seguintes características:

— Escudo português redondo, de verde, aguado de prata em barra ondeada, com uma roda dentada à direita do ondeado e uma machadinha à esquerda, ambos de ouro.

— Timbre, a coroa mural de ouro, de sede de município.

— Dístico, em letras de prata sôbre listel de vermelho, os dizeres Brusque, entre os milésimos 1860 e 1881.

Art.º 4.º — Simboliza êste brasão de armas municipal, com o escudo tradicional português restaurado, nossa filiação étnica primitiva, seguindo o emprêgo cada vez mais generalizado dêste estilo na nossa heráldica municipal brasileira, como de uso corrente.

O verde do campo do escudo recorda a floresta encontrada por nossos primeiros povoadores a partir de 1860 e mesmo de antes, às margens do rio Itajaí-mirim representado pela faixa ondeada e aguada de prata. O trabalho pioneiro daqueles primeiros povoadores e desbravadores cumprindo destacar Vicente Ferreira de Melo, cognominado Vicente Só, e pelas serrarias de Pedro José Werner, Francisco Sallentien e de Paulo Kellmer, seguidos pela primeira leva de colonos germânicos aqui estabelecidos naquela época, é lembrado pela machadinha de ouro. Finalmente as indústrias de tecidos fundadas por Carlos Renaux, bem como tôdas as atividades industriais e sociais de sua e de outras firmas, principais fatôres do progresso e do desenvolvimento econômico dêste município, são simbolizados pela roda dentada, em ouro sôbre o verde do campo do escudo, onde sôbre êste sobrepuja o ânimo e a fé Cristã de seus pioneiros e de seus atuais habitantes, representado pela cruz dourada. Êste ouro sôbre o verde, inclusive o da machadinha, também confirmam o labor e os esforços em prol da nossa Pátria comum e de seu auriverde Pendão, o Brasil.

No listel do vermelho, côr que representa o nosso amor e o nosso entusiasmo pela terra natal, o nome do município em prata e, para manter a necessária homogeneidade com o escudo, as datas dos milésimos 1860 e 1881, lembram a de 4 de agôsto de 1860, do ato do então Presidente da Província Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque que permitiu o estabelecimento dos citados colonos alemães, e a de 23 de março de 1881, que criou o atual Município de Brusque, com as antigas colônias já emancipadas de Itajaí, designação primitiva de Brusque, e Príncipe Dom Pedro, troncos também do atual Município de Nova Trento, criado em 1892.

Art.º 5.º — A reprodução do brasão ou escudo de armas municipal se subordinará sempre. em seus módulos, aos tamanhos tradicionais da heráldica, isto é 7 x em largura e 8 x em altura, sendo obrigatória a verificação constante dêstes módulos e da distribuição estética e formato, perante o Arquivo Municipal ou a quem estas vêzes fizer neste Município. Ficará aí depositado, como modêlo padrão, um desenho em negro com a representação heráldica correspondente de suas côres e metais, para a mencionada verificação dêste artigo.

Efemérides Blumenauenses

MAIO

1835 - dia 5. Data da lei n.º 11 que criou as colônias do Itajaí, no Itajaí-mirim e as de Pocinho e Belchior, nas proximidades da Gaspar. Data daí o comêço da colonização efetiva do vale do Itajaí-açu. O arraial de Belchior fundado em conseqüência dessa lei foi a origem da fundação de Gaspar, pois, colonos que lá haviam se estabelecido procuraram as terras da margem direita do rio, ali construíram capela e deram comêço à nova povoação que é hoje a próspera cidade de S. Pedro Apóstolo de Gaspar. Êsse dispositivo legal foi inspirado e possìvelmente redigido por Agostinho Alves Ramos, esforçado cidadão que, como deputado provincial em várias legislaturas, muito contribuiu para a civilização da Bacia do Itajaí.

1881 - dia 1. Foi reorganizada a "Freundschaft Verein" cujas reuniões deveriam realizar-se todos os domingos, à noite.

1881 - dia 25. Chegam a Blumenau cêrca de 80 novos colonos, os quais vinham dirigidos ao Destêrro e dali, sem orientação por parte das autoridades, foram para Blumenau, uns a pé, outros em iates até Itajaí, onde embarcaram no "Progresso" para Blumenau.

1882 - dia 10. A Sociedade de Cantores "Germania" confere ao Dr. Alfredo d'Escaragnole Taunay o diploma de sócio honorário. Igual gesto tiveram para com êsse distinto patrício, grande amigo e defensor de Blumenau, a "Cultur-Verein" e a "Turnverein".

1882 - dia 14. Em reunião da "Cultur-Verein" é eleita a sua nova diretoria: Presidente, Dr. Fritz Mueller; Vice-Júlio Sametzki.

1882 - dia 16. Com 85 anos de idade, falece o hoteleiro Johann Schrepp.

1882 - dia 20. Guilherme Asseburg é nomeado cônsul da Argentina em Itajaí. Guido von Seckendorf assume o exercício do cargo de Delegado de Polícia de Blumenau.

1883 - dia 4. Foi publicado edital pela Coletoria das Rendas Gerais, de que era coletor Guilherme Engelke, tornando público que a 5 de junho seria vendido, em leilão, o material do barracão pertencente ao Estado, na praça da vila.

1883 - dia 12. Em Salto Weissbach, foi encontrada enforcada a filha do colono Franz Egger, Augusta, de 17 anos incompletos, ignorando-se o motivo que a levou a êsse ato de desespêro.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

Art.º 6.º — Fica aberto o crédito especial de Cr$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros), que correrá à conta do excesso de arrecadação do presente exercício, para as despesas decorrentes com a execução desta lei, bem como dos respectivos desenhos em côres e metais, em tamanho grande, para outros fins e para a feitura de impressos, sinetes e carimbos".

1883 - dia 30. "Immigrant" publicava o seguinte: "ROUBO. Na noite de 28 para 29 dêste mês o Sr. Heinrich Koehler, aqui residente, foi roubado nas roupas que pusera a enxugar no páteo de sua casa. Os roubos de roupa têm sido freqüentes e, por isso, a Câmara Municipal deve pensar em organizar uma guarda noturna que impedisse essas surprêsas tão desagradáveis."

1883 - dia 30. No número 9 do "Immigrant" foi publicado um artigo ofensivo ao Dr. Fritz Mueller, atribuindo-lhe as desuniões e as discórdias que reinavam no seio da sociedade blumenauense, chegando a afirmar que êle "transformara o paraíso que era a colônia, num inferno". "Blumenauer Zeitung" veio em defesa do sábio. Outros elementos de alto conceito publicaram, no número de 2 de junho, a seguinte declaração: "A fim de esclarecer os que, pela leitura dos jornais, acompanham a vida local, declaramos que é uma injustiça atribuir ao nosso respeitável concidadão Dr. Fritz Mueller a perturbação da paz da família blumenauense. Os perturbadores do "eden blumenauense" devem ser procurados em outra direção. Blumenau 31 de maio de 1888. (as) H. Probst, Victor Gaertner, Dr. W. Eberhardt, Júlio Baumgarten, Luiz Sachtleben, H. Avé Lallement, Dr. Hermann Blumenau, Sametzki, F. Schrader, Friedrich Deeke, Friedrich van Ockel, Bernard Hoepner, Hermann Baumgarten, Peter Hartmann, F. Faust, Heinrich Froehner, Guido Von Seckendorf, Dr. Francisco Valloton, H. Watson".

1885 - dia 6. Falece na residência do Dr. Guilherme Engelke, em Salto Weissbach, o Sr. Wiegando Engelke Júnior, filho do Dr. Wiegando Engelke, residente em Joinville (pai do atual bispo de Campanha, Minas Gerais, Dom Inocêncio Engelke).

1885 - dia 10. Morre afogado no ribeirão Gaspar o velho colono Mathias Wagner, um dos primeiros moradores da região.

1888 - dia 6. Foi festivamente colocada a pedra fundamental da igreja evangélica de Timbó.

Foi nomeado Coletor das Rendas Gerais de Blumenau, na vaga deixada por Avé Lallement, José Henrique Flôres Filho.

Margarida Freygang foi transferida da escola de Gaspar para a de Indayal. Para a escola de Gaspar foi nomeada Maria Luíza Mueller.

1888 - dia 22. Com 79 anos de idade, falece Augusto Herbst, um dos mais antigos colonos. Era sogro de Hermann Wendeburg.

1888 - dia 22. Com a morte de Avé Lallement, foi nomeado procurador do Dr. Blumenau, que havia regressado à Alemanha, o Sr. Nicolau Malburg que substabeleceu o mandato em Henrique Probst.

1889 - dia 1. Começam as aulas da Neue Schule, com 69 alunos. M. Merck dirigiu uma alocução aos alunos e professôres.

1889 - dia 12. Chegam à vila Blumenau 40 italianos, vindos da colônia S. Pedrinho, Rodeio, de onde fugiram com receio dos assaltos dos bugres. No mesmo dia retiraram-se para outros lugares da província.

Houve grande enchente do Itajaí, a maior observada depois de 1880.